

Tendências/Debates

assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

rise

UES
 a alcançou
 general Euler
 sos da indi-
 s senadores
 medicam-se,
 dação, ajua
 a reduzir os
 ue insistem
 o no pleito
 anular for-
 hostis. Sal-
 lerista está
 os que con-
 ente, tende
 al menor. A
 io ter can-

o indispen-
 O MDB se
 regado de
 as extream
 m forçosa
 rios adver-
 niquismo
 prática de
 corrupto e
 o relativo
 endo mais
 ue o resul-
 partidária
 e terá que
 de de ser o
 eral, ou se
 vel de um

ão parece
 as coisas
 isso con-
 trínsecas
 guir, com
 e outubro,
 ra vencer
 primeiro
 a, afugen-
 as e dis-
 veis para
 gundo, a
 ais curto
 etudo nos
 do jovem
) o 15 de
 biscito.

general
 etamente
 originada
 vez que
 a inércia
 pesar de
 mau cur-
 tico e, o
 ante, nas

e um dis-
 NI perde
 legas de
 ou por
 e, meio-
 ndas em
 a pelas
 cam a
 em. A 3
 ssim, a
 ção em
 rio par-
 o vêm
 o inven-
 e pode
 de que
 general
 fastado
 ou-se, a
 na po-
 nome,
 sabe-
 é sinô-

ade de
 o con-
 posição
 isíveis
 bafado
 ão sua
 mem-
 o can-
 de en-
 e não
 a ind-
 resul-
 atéria
 al, foi

o. Um
 mais
 a suas
 ão do
 qual o
 a não
 plica,
 ração
 acial,
 heza
 e ou-
 ois —
 á ser
 loria
 bem
 basta
 tória
 ário
 Fi-
 o da

a es-
 ão é
 ama,
 nin-
 o do
 er es-
 s. A
 i de-
 e av-
 ução
 nen-
 vão
 vez
 lida-
 dero
 , in-
 ro.
 ten-
 per-
 orin-
 nos
 eção
 de
 atre
 am
 can-
 ipó-
 om-
 dos
 hor
 for-
 n a
 de

alis-
 s de



Deo Gratias

TRISTÃO DE ATHAYDE

Cinquenta anos são passados, desde aquela manhã mariana de 15 de agosto de 1928, em que, pela graça de Deus, por quatro anos de correspondência com Jackson de Figueiredo e pelas mãos de Leonel Franca, voltei à casa paterna. Quem pode, com segurança, subir como os salmões a corredeira do tempo e ser fiel às lembranças de meio século? Se a imaginação é "aquela tresloucada" que nos acompanha ao longo dos dias, a realidade transcende da memória, como a vida transborda do conceito. Quando Chateaubriand escreveu suas "Memórias de Além Túmulo" contou, em palavras até hoje imortais, seu encontro com o general Washington, em Filadélfia, no ano de 1791, ao lhe entregar a carta de recomendação escrita pelo Marquês de La Rouerie, que fora o "colonel Armand" das tropas da independência norte-americana, sob o comando de Washington. Ora, anos atrás foi descoberta uma carta deste ao Marquês, dizendo-lhe que recebera a missiva entregue pelo "Monsieur de Combours" (nome com que o Marquês apresentou o castelão de Combours ao Cincinato americano), dizendo-lhe que recebera a carta, "mas não pudera falar com o portador, por se encontrar enfermo naquele dia" (sic)...

Embora sem possuir, nem por sombra, a imaginação criadora do genial autor do "Itinerário de Paris a Jerusalém", nenhum pobre mortal pode ter a audácia de garantir a perfeita veracidade do que lhe ficou, na carne e no espírito, de um acontecimento ocorrido há cinco decênios, mesmo que tenha dividido uma vida como dividiu, em duas etapas, antes e depois de 1928. Se me permitem, entretanto, correr esse risco e resumir, numa só sentença, a triplice lição dessa data, o que leio em minha memória é ter, desde então, aprendido a vencer a solidão; a amar a liberdade e a compreender o valor do silêncio.

Quando, em um de meus colóquios com o solitário de Santo Inácio, lhe expus o drama interior de perder tantos companheiros ou amigos de vinte anos de total indiferença religiosa, ele me ponderou: "Se você vier a perder alguns amigos, em compensação ganhará muitos outros". Ganhei-os em verdade, mas ganhei sobretudo a vitória sobre o peso da solidão. E de sua companheira íntima, a incompreensão. Vitória não sei, pois somente a morte, ou antes a experiência dela, em nossos bem-amados, nos pode tornar vitoriosos de alguma coisa, nesta vida de contínuas decepções e derrotas. Sobre tudo a vitória contra a perda da esperança. A solidão é, ao mesmo tempo, uma ameaça e uma libertação. Uma ameaça, pois o homem não foi criado para viver só. Já que foi fruto do Amor e feito para amar. Uma libertação, porque, se amar o próximo é um dever e não apenas um prazer, é que a vida social é mais um peso que uma libertação. Aliás, a sabedoria monástica medieval já consagrara essa experiência em certa máxima famosa: "vita communis maxima penitentia". Vencer os perigos da solidão, pelo reconhecimento de que ela é tão inevitável como a morte, é uma das lições preciosas que o próprio Cristo deu aos três apóstolos a quem foi revelada sua divindade ao alto do Tabor. Como nos conta S. Mateus: "Os discípulos ouvindo a voz (do Pai), muito assustados caíram por terra. Jesus chegou perto deles e tocando-os disse: "Levantai-vos e não tenham medo". Erguendo os olhos eles não viram a ninguém. Jesus estava só" (Mat. 17.6). Jesus estava só!

Finalmente, como conclusão de uma experiência semi-secular de reversão às origens e de abertura aos fins, a compreensão do silêncio. A convicção de que o orgulho é o pecado por excelência (foi esse o pecado original dizia, portanto, Padre Franca em 1928) e, portanto, São Bento foi particularmente inspirado ao colocar a humildade como pedra fundamental de sua Regra Monástica, a norma essencial da nossa perfectibilidade, como lei fundamental da vida. Essa compreensão do silêncio me ensina a inutilidade de qualquer proselitismo verbal. Ninguém converte alguém, senão pelo exemplo. Só uma vida bem vivida pode ensinar a viver bem. E só vive bem, com Deus e sua consciência, quem se

convence realmente de que não somos nada mais de que a sombra de uma sombra. Mas uma sombra em luta. Pois a luta constante das sombras contra as sombras é que nos pode conduzir à luz e à paz. Quanto a mim, o prêmio desse meio século, em busca da fidelidade, foi o coração que sempre bateu a meu lado, como foi a lâmpada que se acendeu, um dia, aos pés de um altar. Que a lição suprema do silêncio, portanto, seja conclusão deste obscuro passeio pela existência, em busca do sentido da vida.

Essa solidão do Cristo e sua invisibilidade ficarão eternamente ligadas, em nós, à sua presença. Vencer essa ausência e essa intangibilidade, isto é, vencer essa nossa solidão interior, ao longo da vida cotidiana (e "como a vida é cotidiana", gemia o poeta Laforgue!), foi talvez a maior lição desses cinquenta anos de esperanças renovadas dia a dia, mesmo contra a própria esperança. Contra spem spes. Vencer a solidão em nós e ajudar os outros a vencê-la em si, eis o primeiro e pequeno legado que posso deixar a outros, pelo decurso dessa longa e cotidiana caminhada.

A segunda lição foi reconquistar o amor da liberdade. O medo de a perder foi, talvez, o maior obstáculo na hora de atravessar o Rubicon da dúvida. Baseada em Tito Lívio, conta a lenda local de Ponte de Lima, terra dos meus antepassados em Portugal, que o rio Lima era o Letes dos antigos, o rio do esquecimento entre os romanos. Ao chegarem estes à sua margem, o chefe dos legionários o atravessou a vau, pois até hoje o rio Lima é quase seco durante o inverno. Os soldados, porém, não ousaram segui-lo, com medo da lenda e de perderem a memória de Roma. O chefe, porém, já da outra margem levou as mãos à boca, chamando vários pelos próprios nomes e lhes disse: "Venham. Não tenham medo de perder a memória. Como estão vendo eu os reconheço a todos."

Também eu, como os legionários romanos à margem do Lima, tive medo de que a conversão fosse um Letes do espírito em minha vida. Não temia, apenas, perder os companheiros dos tempos da disponibilidade. Temia, sobretudo, perder a própria liberdade. E tanto temi, que por anos seguidos não ousei olhá-la face a face, com medo de uma reversão aos feitiços dos seus encantos. Passei, então, por alguns anos, a tomar, a contragosto, como uma amarga medicina, poções diárias de autoritarismo político elitista. Um belo dia, porém, ou antes, à medida que a "solidão" perdia a agressividade inicial de um deserto, e pelo contrário passava a crescer como a "solo beatitudo" dos eremitas, fui redescobrendo cada vez mais, na Igreja o Cristo, e neste, o sentido exato da liberdade. Longe de ser a Fé um cubículo fechado entre quatro paredes dogmáticas, revelava-se ela, vivida por dentro, como uma plenitude. Como os vitrais de uma catedral (a que aludira, em tempo, Leonel Franca) que vistos de fora nada mostram e vistos de dentro são maravilhas de beleza, a experiência me revelava a Fé, não como um cárcere, mas como a chave da prisão que me abria os caminhos do ar livre e da verdadeira libertação do espírito. Assim como a autêntica liberdade estética é fruto de uma prévia disciplina estilística, assim também a plena liberdade filosófica e religiosa é a flor de uma subordinação prévia dos sentidos e da razão à inteligência, que nos leva da sapientia mentis à sapientia cordis. Essa sabedoria do coração é a verdadeira liberdade do espírito. Como a verdadeira missão prática que a presença de Deus, de Cristo e da Igreja nos traz, ou pelo menos a mim me trouxe, foi que a liberdade de espírito se conquista pela sua prévia subordinação à disciplina do mistério, pela mensagem da Revelação. E, acima de tudo, que a missão dos que reconquistaram, assim como a dos que nunca perderam esse dom da fé, é de amar cada vez mais a liberdade e levá-la aos outros. Eis porque, hoje em dia, considero que a luta contra a miséria, contra a opressão, contra a impostura, contra toda extrapolação do Poder, é a plena realização da grande sentença joanina Veritas liberabit vos (Joan. 8.32). A verdade vos libertará, através da justiça.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico dos mais influentes de sua geração.